

Corpo e experiência de nós mesmos: sobre o Diário Foucaultiano de Quarentena do Labedisco na pandemia

Body and experience of ourselves: about the Foucaultian Quarantine Diary by Labedisco in the pandemic

Nilton Milanez¹

Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS
nilton.milanez@gmail.com

Beatriz Souza Almeida²

Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS
beatrizalmeida046@gmail.com

RESUMO: Este artigo propõe a discussão sobre corpo, experiência e diagnóstico do presente no quadro dos Estudos Discursivos foucaultianos. O *corpus* compreende as publicações do *Diário Foucaultiano de Quarentena do Labedisco* nas páginas do *Facebook* e *Instagram*, problematizando questões acerca da pandemia do Covid-19. A metodologia se concentrou na formação de séries das narrativas veiculadas naquelas redes sociais, demonstrando as preocupações em torno das noções da necropolítica, da biopolítica e de uma política dos corpos e sua maneira de ser administrada sob o governo de Jair Bolsonaro. Os resultados apontam os posicionamentos dos sujeitos sobre higienização disciplinar, morte e descaso governamental neste momento específico nos seis primeiros meses da pandemia até uma mudança de suporte: das narrativas para podcasts no Spotify.

Palavras-chave: Corpo; Experiência; Presente; Diário Foucaultiano do Labedisco; Pandemia.

ABSTRACT: This article proposes the discussion on body, experience and present diagnosis according to the Discursive Foucauldian Studies. The *corpus* comprehends the publications on the *Foucauldian Quarantine Diary by Labedisco* on Facebook and Instagram, which problematize questions over the Covid-19 pandemic. The methodology focused on the formation of series composed by the narratives vehiculated in the social media, demonstrating the concerns around the notions of necropolitics, biopolitics and a body politics, and the way it was managed under the government of Jair Bolsonaro. The results indicate the subjects' positions about disciplinary higienization, death and governmental despise in this specific moment with in the six first months of the pandemic, reaching a change on the support: from the narratives to podcasts on Spotify.

Keywords: Body; Experience; Present; Foucauldian Diary by Labedisco; Pandemic.

¹ Professor Pleno na Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS; Líder e Coordenador do Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo – LABEDISCO/CNPq.

² Graduanda em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS; Pesquisadora e Bolsista do Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo – LABEDISCO/CNPq.

Experiência, corpo e mídias sociais

“Uma experiência é alguma coisa da qual nós saímos transformados” (FOUCAULT, 2010a, p. 41), é certo modo de perceber os acontecimentos a nossa volta e imputar um tipo de transformação a nós, na história, com nosso corpo. Nosso corpo, acontecimento permanente pelo qual experienciamos o mundo, alvo da história e espaço de ressignificação. A experiência e o acontecimento se completam em um círculo: o acontecimento permite a experiência, e a experiência atesta que vivenciamos um acontecimento. A história se inscreve, assim, nas minúcias do corpo experienciado.

Que falar de experiência para corpos dispersos no espaço físico? Que tipo de efeito se poderia produzir para um acontecimento marcado por uma separação unilateral de corpos em um espaço geográfico tão amplo quanto o mundo? Como nós sujeitos que fazemos “a experiência de nós mesmos [...] através do que conhecemos” (FOUCAULT, 2006, p. 590), podemos transformar ou ser transformados por uma experiência tão singular quanto uma pandemia? Para a maioria de nós, algo inédito; um surto mundial de saúde pública; a necessidade de manter-nos distantes uns dos outros por causa de um vírus que pouco se conhece. Com o vírus nasce uma angústia. Para onde e de que forma podemos agir, falar, resistir, se não há para onde sair? Se as portas estão fechadas, ou pelo menos deveriam estar, e as ruas só guardam o silêncio e o nosso corpo, um corpo encarcerado, um corpo do vir a ser, que a priori se estacou no presente cotidiano. Com o vírus rememoramos ainda outros questionamentos. “O que somos e que devemos ser enquanto fazendo parte dessa atualidade? O que somos enquanto fazendo parte dessa atualidade?” (FOUCAULT, 2015, p. 70-71). Como podemos, então, falar, produzir uma nova história a partir do presente se nossos corpos se direcionam à uma pretensa inércia? Como experienciar um novo acontecimento, uma nova produção de saber, isolados em casa?

Ao contrário do direcionamento constante à inércia, a angústia gerada pela incerteza dos dias que viriam pareceu “desencadear e exigir uma fuga, que no lugar da paralisia, demanda o movimento” (MILANEZ, 2015a, p. 242). Essas angústias escoaram para uma ação, que se converteu nos escritos no Diário Foucaultiano, como um modo de fugir à morte atestada pelo vírus e pelo governo. Nosso corpo experienciaria um acontecimento singular de forma também inédita. Geograficamente dispersos, distantes e isolados, mas unidos em rede na virtualidade. Um agrupamento, ou melhor, uma aglomeração, para dar voz às nossas inquietudes e mostrar uma resistência ao corpo estagnado, encarcerado. *Facebook* e *Instagram*, quais espaços virtuais seriam melhores para unir corpos na atualidade? Afinal,

“talvez apenas a realidade virtual seja considerada segura” (ZIZEK, 2020) para os corpos nestes tempos de crise. É o *Instagram* também que vai garantir “a manutenção de um sintoma sobre as bases do olhar e do escutar” (MILANEZ, 2020), um sintoma que converge o vírus invisível para uma materialidade visível, tocável, como uma forma de apontar e diagnosticar o mal que nos assola.

Foi em meio a urgência de escancarar nossas angústias e revoltas, sobretudo como uma forma de estarmos juntos em um agrupamento de ideias, unidos pelo pertencimento de grupo como uma forma de identificar “todas as marcas sutis, singulares, subindividuais que podem se entrecruzar nele e formar uma rede” (FOUCAULT, 1979, 20), que foi possível arquitetarmos-nos sob a formação dos escritos de insurgência no *Diário Foucaultiano de Quarentena do Labedisco*. E assim o Diário constitui-se, como uma página, primeiramente no *Facebook*, na qual eram postados textos com reflexões e questionamentos de sujeitos distribuídas no espaço geográfico brasileiro, que teve sua primeira postagem em 27 de março de 2020 até 24 de setembro de 2020, quando, sob as condições do esgotamento de um dizer, apresentava os sinais de um escoamento dos escritos, culminando no encerramento, pelo menos no formato verbo-visual, do *Diário Foucaultiano*.

Reunir a linguagem, reunir corpos: o dispositivo de segurança

“Cada época enuncia perfeitamente o que há de mais cínico em sua política” (DELEUZE, 2005, p. 63). Não nos parece estranho que, se considerarmos que o cinismo vincula “o modo de vida e a verdade” (FOUCAULT, 2011, p. 159), diante de uma pandemia e um desgoverno tão negligente, nós, sujeitos, tenhamos gerenciado nossos corpos, mesmo que virtualmente, para escancarar nossas aflições e denunciar cinicamente como a indiligência política tão atrelada a nossos modos de vida enveredou-se numa constituição de verdades sobre o presente.

Se cada época “tem a sua maneira de reunir a linguagem, em função de seus corpos” (DELEUZE, 2005, p. 65), voltamo-nos ao *Instagram*, local de visibilidade, de arquitetura de imagens e encadeamento constante de corpos que não estão ali, para, como bem disse Foucault (2013, p. 7), “fazer corpo”. E é o corpo que movimenta nossos pensamentos aqui, no agora. É, afinal, o corpo objeto do discurso a que nos dedicamos, alvo direto do perigo implacável do COVID-19, ponto de resistência política de si, uma vez que, tomando Foucault

(1987, p. 28), compartilhamos da ideia de que “o corpo está diretamente mergulhado num campo político”.

Em tempos pandêmicos, a reunião dos corpos representa o perigo, a exposição à vulnerabilidade física, exigindo que a disposição do corpo nesses dias se fixe sobre as distancias para se manter uma segurança sanitária de si. Todavia, unir-nos em virtualidade como um só corpo nos manteria seguros, se pensarmos na segurança enquanto “certa maneira de acrescentar, de fazer funcionar, além dos mecanismos propriamente de segurança, as velhas estruturas da lei e da disciplina” (FOUCAULT, 2008b, p. 14). Foucault nos diz também que, para garantir a segurança, é preciso apelar “para toda uma série de técnicas de vigilância” (FOUCAULT, 2008b, p. 11), que se desdobra numa vigilância dos sujeitos, do que eles são, do que eles fazem em uma situação em que manter a segurança é essencial, a fim de fazer uma manutenção dos dispositivos de segurança para fazê-los funcionar.

Destarte o dispositivo de segurança, tutelado por via de regra ao Estado, mantém em funcionamento o seguimento de mecanismos disciplinares de controle, normalizando os sujeitos na pandemia. Claro que, em cenário pandêmico brasileiro, pudemos acompanhar a descentralização do dispositivo de segurança como dever somente do Estado, visto que mediante negligência e descaso de nossos governantes, os próprios sujeitos tomaram para si a obrigação de manter seguro o corpo social, tomando para si as medidas de regulação da segurança. Ou seja, uma reviravolta no modo de controle, que brotou muito mais de si para si do que do outro para nós, pelo que em certa instância diz respeito ao *Diário*.

Dessa maneira, a escrita no *Diário Foucaultiano do Labedisco* representou, de certo modo, um deslizamento não do dispositivo de segurança, mas do posicionamento que os sujeitos por si mesmos viriam a enfrentar, transformando a experiência de si em uma narrativa de si e, por fim, numa narrativa discursiva, sobre a qual, agora, podemos vislumbrar o funcionamento.

Corpo político e política do corpo no *Diário Foucaultiano*

De repente falar sobre o vírus no *Diário Foucaultiano* era não somente necessário, como obrigatório. O número de mortos crescia e com ele o descaso: um significativo *e daí?* foi a frase que saiu da boca do presidente Jair Bolsonaro e ecoou nas mídias, refletindo uma negligência governamental com as vidas e com nossos corpos em agonia. De um lado, pessoas morriam dessa causa invisível, de outro, o desprezo pela manutenção da saúde

pública, de medidas que pudessem remediar a morte em massa, era uma realidade repugnante. Como separar um acontecimento invisível de um visível, quando estão tão intimamente ligados? Como não responsabilizar pelas mortes um agente que deveria zelar pelas vidas?

Ante uma política de morte pregada pelo Estado brasileiro, nos aninhamos à biopolítica foucaultiana para pensarmos nas formas de governo que estão sendo lançadas sobre população como um modo de regulação da vida. Para pensarmos a biopolítica como uma política do corpo, desse corpo vivo à beira da morte, faz-se necessário, primeiro, observamos as políticas de vida e de morte a que o corpo está disposto. Se, como disse Foucault, “o soberano tem direito de vida e de morte” (FOUCAULT, 2005, p. 286), vimos em cenário pandêmico uma política exercida pelo chefe de Estado em que o direito à vida corria unicamente para o *fazer morrer*, nos mandando direto para a guilhotina, sem pena nem dó. O direito da vida pela soberania, portanto, constitui-se a partir dos mecanismos de “fazer morrer e deixar viver” até metade do século XIX, vindo depois a converter-se em um “fazer viver e deixar morrer” (FOUCAULT, 2005, 287), por meio de novos mecanismos de regulação do corpo social amparado pela biopolítica, sob os moldes de uma nova composição do Estado em vigiar e disciplinar a população, de modo que se faça viver a parcela população que se deixa governar sob as estruturas da norma, como os corpos que são enxergados enquanto úteis, através dos recursos de controle da vida assegurados pelo estado, e, por consequência, deixar morrer toda a parcela social que não é útil ao Estado e não pode ratificar a hierarquia do poder soberano.

A preocupação com quem vive e quem morre através da biopolítica, então, se decompõe em dois eixos: um que se centra no corpo como uma técnica disciplinar, pois, desse modo, pode manipular “o corpo como foco de forças que é preciso tomar úteis e dóceis ao mesmo tempo” (FOUCAULT, 2005, p. 297), e outro que se centra na vida como uma tecnologia que agrupa “os efeitos de massas próprios de uma população” (FOUCAULT, 2005, p. 297). Esse movimento recai num mecanismo que “visa portanto não o treinamento individual, mas [...] a segurança do conjunto em relação aos seus perigos internos” (FOUCAULT, 2005, p. 297). Desse modo, pensamos nas políticas de enfrentamento do Estado brasileiro na pandemia. Uma biopolítica centrada nos corpos sim, mas com intuito de deixar morrer, sobretudo de populações desprivilegiadas sócio-historicamente, alavancadas pelo racismo de Estado como um mecanismo do próprio biopoder, uma necropolítica, como discutido por Mbembe (2018). Assim, a biopolítica enquanto uma política do corpo, funciona como estratégia de extermínio cíclico dos corpos que não servem à normalização utilitária do Estado. As notícias que nos chegavam sobre a alastramento da morte na população face ao

vírus e a não ação do governo brasileiro para implementar medidas para a prevenção e isolamento social acabaram inflamando as narrativas discursivas publicadas no *Diário Foucaultiano do Labedisco*. Isso refletiu na produção de uma história evenementalizada em nossas vidas por meio dos enunciados que emergiram no *Diário* narrando ao mesmo tempo uma experiência de si e do outro, alavancada por um pertencimento comunitário, que produziria “resistências sociais, a fim de se chegar à irrupção da apresentação de novas identidades” (MILANEZ, 2014, p. 141), compreendidas como outros modos do sujeito se olhar e se governar a si, diferentemente do que naquele momento lhe era proporcionado.

Frente a essa política de morte empunhada pelo Estado muito antes de um cenário pandêmico, as postagens no *Diário* não se restringiam somente ao alastramento do próprio vírus, mas ao acontecimento que, “por um jogo de causas e feitos na unidade informa de um devir, vagamente homogêneo ou rigidamente hierarquizado” (FOUCAULT, 1996, p. 56), encadeou as discussões e manifestações virtuais ali veiculadas. As políticas públicas, ou a falta delas, as mortes, as novas formas de levar a vida e manter o cotidiano, a urgente necessidade de higienização, foram temas reiterados no *Diário*, apresentando *per se* um quadro de regularidades discursivas que, ao serem analisados em um enquadramento de especificidade, destacam a constituição de tipos diversos de séries enunciativas, alinhavadas em uma rede de enunciados peculiar.

Seriação e narrativas: especificidades discursivas da pandemia no *Diário*

Os autores que colaboraram diariamente com suas narrativas para o *Diário Foucaultiano* estavam colaborando, sem medir e visualizar os tipos de discursos que se associavam uns aos outros, para a formação de regularidades discursivas que formariam séries enunciativas específicas sobre a pandemia. Para tanto, gostaríamos de apresentar o encadeamento de regularidades acerca dos principais discursos que emergiram no *Diário* ao longo de seis meses, e propor uma seriação desses discursos, a fim de compreendermos como se formou “uma nova regularidade, retomando ou excluindo, justificando ou descartando alguns dos seus enunciados” (FOUCAULT, 1996, p. 68).

A formação de séries produziu um certo regime de enunciado que pareciam “apontar o frescor de um conjunto de relações e um grupo de séries que têm o valor necessário para fazer irromper os acontecimentos que elaboram a atualidade” (MILANEZ, 2019, p. 67), a nossa atualidade pandêmica e suas especificidades. Ao procedermos às leituras das narrativas

discursivas do *Diário Foucaultiano* identificamos “na dispersão, as regularidades” (ALMEIDA; MILANEZ, 2020, p. 295) que fizeram emergir certo tipo de discurso para que possamos, posteriormente, separar, analisar e associar uma gama possível de seriação de discursos.

As séries sobre as quais no debruçamos compõem um quadro metodológico a que se constitui de “microacontecimentos histórico-corpóreos” (MILANEZ, 2014, p. 139), que vão se agrupar e produzir materialidades discursivas que se repetem, produzindo posições enunciativas diversas, tais como o descaso governamental quanto às políticas públicas; necessidade de higienização dos corpos e do corpo social; o crescente aumento do número de mortos devido o COVID-19; e o escoamento de um determinado tipo de discurso para o campo visual das imagens.

Situemos, de imediato, as condições de possibilidade por vir da surgência desses discursos. O vírus avançava levando morte aos quatro cantos do país, e, do alto do Planalto, ouvia-se que o país não podia parar. Reduzia-se, assim, a gravidade da doença, chamando-a de *uma gripezinha*, nas palavras do presidente Jair Bolsonaro. Mas o fato é que essa *gripezinha* se espalhava e o número de contaminados crescia. À medida que o governo ficava sem Ministro da Saúde, o próprio presidente incentivava a invasão dos Hospitais de Campanha, que haviam sido levantados em caráter de emergência, buscando provar que a situação não era grave e não passava de um ataque contra a presidência vindo de certas mídias impressas e televisivas. Ainda, o presidente defendia, em seu corpo desconjuntado e débil, que a salvação estava em ter um *histórico de atleta* como aquele que ele mesmo pensava exibir em seu narcisismo alucinado. Diante do circo da vitalidade de um corpo que sabíamos não poder resistir ao vírus, diagnosticamos um presente moribundo, marcado cada vez mais por uma forte ação de deixar morrer, exercendo à força política o desejo de concretizar estratégias de uma necropolítica repugnante, afogando qualquer tentativa de se fazer viver a nossa população.

Observemos, portanto, a composição de uma primeira série marcada pelo desprezo governamental no que se refere a ações efetivas de combate ao COVID-19, desconsiderando e afrontado as normas que visavam o bem-estar social da saúde pública em detrimento do bom funcionamento econômico do mercado. Nesse momento em que as medidas de segurança clamavam por isolamento e se faziam urgentes, os escritos publicados no *Diário* nos diziam o seguinte:

“Precisamos entender de uma vez por todas que o presidente deste país não está preocupado com o pão que irá faltar na mesa dos brasileiros [...] A preocupação de que a economia continue girando é para manter em vigor os privilégios de uma elite que pouco se importa com a morte alheia” (Jéssica Mina, Labeledisco, 29 de março de 2020).

“O desgoverno brasileiro preocupa-se única e exclusivamente com a possibilidade de um colapso econômico no qual mais importa o número de falidos do que o de falecidos” (Suelane Lima, Labeledisco, 30 de março de 2020).

“Frente a um desgoverno que incentiva a ocupação de ruas ao invés de isolamento, ou em outras palavras, que direciona os nossos corpos para a morte em prol de ‘bem estar’ econômico...” (Beatriz Almeida, Labeledisco, 01 de abril de 2020).

“A conjuntura atual viabiliza a reflexão e a problematização dos diversos posicionamentos autocentrados que os sujeitos tomam frente as consequências sociais e econômicas que o COVID-19 pode ocasionar...” (Manuela Barbosa, Labeledisco, 03 de abril de 2020).

Diante, portanto, de uma angústia tão escancarada, como não enunciar? Atentamo-nos a esse recorte em um curtíssimo encadeamento genealógico das escritas no *Diário*, em que um mesmo tipo de enunciado se repete. O *Diário*, como diz o próprio nome, é relatado a cada dia, configurando, nesse caso, uma função de escrita diagnóstica do presente que vivíamos (e vivemos) como um tipo de arquivo de discursos oriundos de um processo de quarentena. Afinal, escrever no *Diário*, experienciar a si através de práticas de liberdade, sejam elas quais forem, é uma das infinitas formas de diagnosticar o nosso tempo, isto é, “dizer o que somos hoje e o que significa hoje, dizer o que nós dizemos” (FOUCAULT, 2014, p. 34).

O que enuncia a série do desdém com a saúde e sua estratégia de deixar morrer escondida atrás de uma preocupação econômica? Os diagnosticadores atentos do *Diário* nos mostram que as atitudes do presidente visam reafirmar seu populismo, usado como mecanismo para afrontar seus adversários políticos e sintonizar com a política facistóide de Trump, o que acredita lhe garantir aceitabilidade engrossando o coro do *Eu te amo meu Brasil, eu te amo*, hino ufanista do regime militar. Ao invés de administrar políticas públicas que poderiam atender à fragilidade econômica do momento, fomenta uma rede do mercado muito assustado com as necessárias restrições quanto ao funcionamento do comércio, fazendo-se de bom amigo diante da inevitável crise econômica, ao invés de apresentar soluções. Desse modo, autoriza a população a ir contra as recomendações da Organização Mundial da Saúde, arrastando a população como porcos ao precipício, o que atesta seus atos genocidas em consonância com a sua política de morte.

Olhar para o presente, portanto, a fim de estabelecer uma significação para nós hoje, faz-nos observar os modos do sujeito “gerenciar sua atualidade, reconhecer sua necessidade, provar seu limite [...], desempenhar seu papel enquanto figura histórica, tomando a si mesmo

em um estado do presente” (MILANEZ, 2020), como uma experiência de si para si, de si para o outro em um compromisso com sua própria história. A escrita de si, então, no *Diário Foucaultiano*, é uma escrita também do outro, uma escrita coletiva de nossa atualidade em chamas.

De todo modo, seja com uma boa manutenção da saúde pública ou não, essa questão se tornou essencial e igualmente urgente, além de produzir uma segunda série no *Diário Foucaultiano*: a higiene dos corpos, sobretudo, do corpo social, para o qual passou-se a exigir posicionamentos disciplinares para o bem estar geral. A higienização do corpo social, regulada pelas disposições de isolamento, distanciamento e higiene do corpo de cada sujeito para que o corpo social estivesse seguro foi crucial nos dias confusos que vivíamos, quando tudo ainda era muito novo e essa se dava como a única medida possível, pois ainda estávamos longe da descoberta de uma vacina.

Eis aí, então, um limiar dúbio: a higienização do mesmo modo que trata de uma manutenção para o bem estar do corpo social contribuía para pensarmos também as dinâmicas sociais de distribuição dos corpos marginalizados e de distribuição de renda em meio a uma economia que já começava a colapsar. Os posicionamentos foucaultianos no *Diário* assim se enunciavam:

“Me peguei pensando hoje sobre a ‘higiene social’ que a pandemia nos trouxe. Todos os dias, somos bombardeados com tutoriais, noções, conceitos, saberes institucionais sobre a limpeza e como ela nos salvará da morte [...]. Como é importante lavar as mãos! Nunca antes foi tão importante limpar a sociedade” (Rebeca Nascimento, Labedisco, 27 de março de 2020).

“Há o corpo isolado na fila, embora com outros corpos a menos de um metro e meio de distância. Corpo que segura o cartão do auxílio, a carteira de trabalho, a sacola plástica, a receita médica, a carteira vazia. Aquele corpo que, enfileirado, está fora do carro, está na rua, como numa linha de produção e manutenção da pobreza” (Daniel Loureiro, Gedai, 24 de abril de 2020).

“O cuidado, nesse momento, vai além do que costumamos ter no nosso dia a dia, envolve uma ética conosco e com o próximo, esse cuidado que pode salvar a humanidade não apenas desse vírus, mas de outros possíveis...” (Jussara Santana, Labedisco, 28 de março de 2020).

“Todos os dias morrem pessoas, e daí?” Esses deveriam ser tempos para nos voltarmos a cuidados de si e à ética de si, numa perspectiva atualizada do que nos apresentou Michel Foucault, mas muitos de nós ainda se perdem em labirintos de intolerância...” (Léa Persicano e Francisco Melo, GPEA, 08 de abril de 2020).

Essa série de enunciações forma uma dimensão discursiva na qual os traços pertencentes a função enunciativa permite-nos descrever, isto é, “descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse [...],

mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito” (FOUCAULT, 2008a, 108). O sujeito ocupa-se de si num jogo de relações que atravessa o outro à medida que ele é atravessado por uma rede de outras relações, externas, exteriores, mas que perpassa por sua subjetividade. Uma dimensão do corpo social atravessando os modos de experienciar a vida de cada sujeito.

O cuidado de si aqui entrelaça-se à manutenção do corpo social, a fim de produzir uma política de vida, ou pelo menos, de zelar por ela. Cuidar do próprio corpo, era cuidar do corpo do outro; o cuidado de si como “conhecimento de si, arte e exercício de si, relação com o outro, governo pelo outro e dizer-a-verdade, obrigação desse outro de dizer a verdade” (FOUCAULT, 2010b, p. 352), intimamente ligado com uma obrigação de dizer a verdade sobre si e, por consequência, de seu presente.

A experiência de si num cenário pandêmico que exige denúncia e um exercício de dizer a verdade sobre ele como um compromisso com o pacto social. Em determinado momento, os cuidados de si e do outro, tão necessários, pareceram escoar para uma ausência: a morte ganhou sua chance em meio a todo descuidado. A média nacional de mortos já ultrapassava a Europa em menos de 20 dias – números que, se comparados a dez meses depois, nem pareceriam tão assustadores. Sujeitos marginalizados eram os mais afetados, a morte chegava a alguns núcleos com mais força, o descaso governamental era cada vez mais evidente, era o responsável pelas mortes.

Se o silêncio era uma opção, no *Diário Foucaultiano de Quarentena do Labedisco*, foi descartado, formando, assim, uma terceira série, agora sobre a morte:

“Quem está autorizado a viver? Hoje, dia em mantivemos a marca de mais de 700 mortos por dia, escrevo esse texto para questionar nossa total apatia. Apáticos, mudos, escravos de um capital que nos subjetiva e tira a empatia. Esquecemos que ultrapassamos essa marca, nos igualamos a países europeus e aos Estados Unidos cujas mortes lamentávamos e nos compadecíamos há 20 dias atrás” (Rebeca Nascimento, Labedisco, 14 de maio de 2020).

“De um lado, a ciência tenta nos mostrar um caminho possível para a superação, do outro, a ignorância voluntária nos reaproximando da morte. E diante de tanta negligência, o genocídio será uma cruel consequência” (Beatriz Almeida, Labedisco, 13 de maio de 2020).

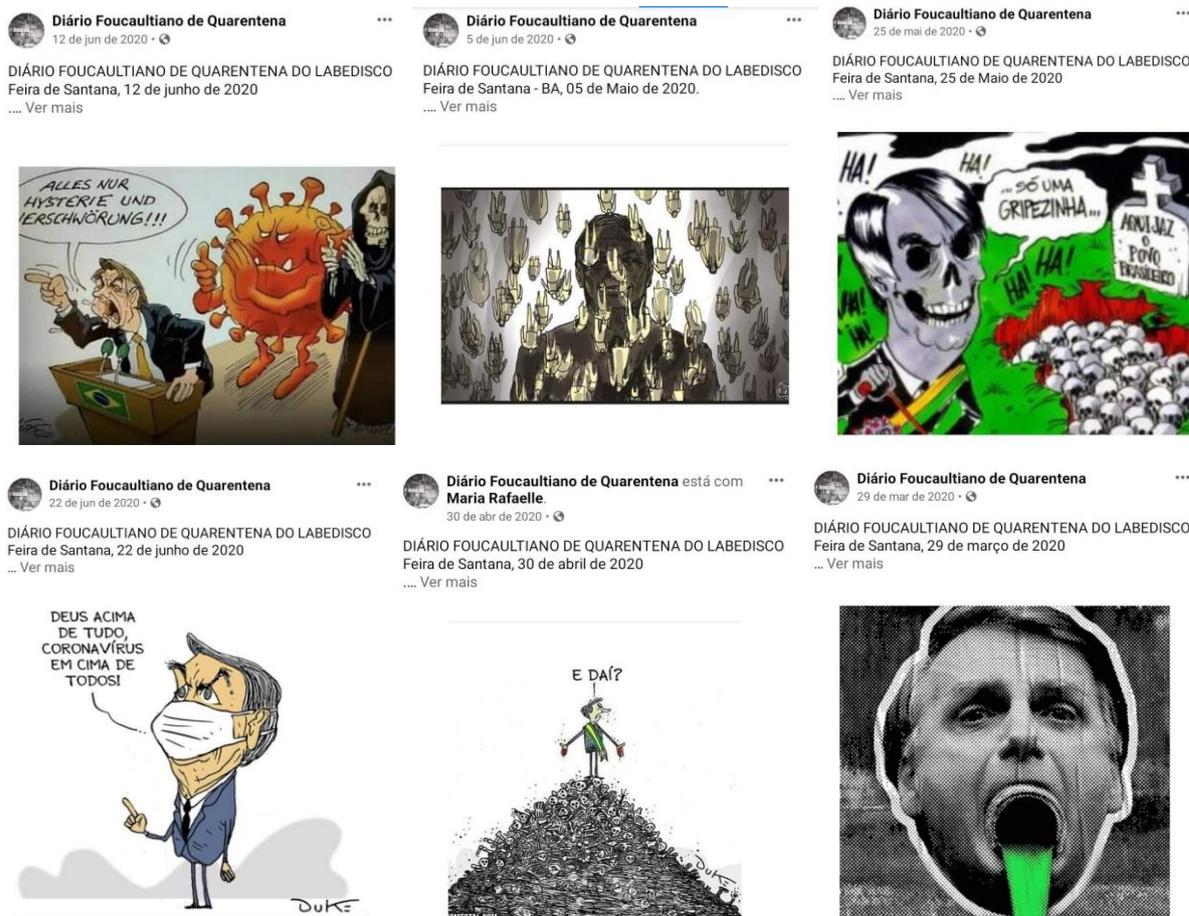
“Se na bala que atingiu o menino João Pedro estivesse escrito a palavra Necropolítica, os que constroem e usam dos recursos tecnoterroristas entenderiam com maior entusiasmo quais são as causas históricas e bem articuladas de forma econômica e política e fariam do mesmo jeito, ainda mais conscientes do que já fazem” (Iago Gomes, Professor da Rede Pública Básica de Ensino da Bahia, 20 de maio de 2020).

“Além do vírus, aqui enfrentamos outras ameaças visíveis e seculares: aumentam os números dos corpos negros que tombam nas quebradas e dos projéteis que alcançam os pequenos ...” (RenaildaCazumbá, Linsp, 01 de junho de 2020).

A insubordinação pelo número de mortos se deu tão fortemente no *Diário Foucaultiano* que o vírus não deu conta de ser o único responsável: o presidente, o governo, o Covid, as políticas de morte, as forças armadas. A morte, enfim, era o assassinato de crianças, negros, indígenas, mulheres, todos sujeitos à margem, alvos diretos do olhar vigilante que não quer fazer viver. O discurso em torno da morte, enfim, enunciado numa continuidade repetível, inesgotável, afinal, a morte está sempre presente e pode ser sempre alvo do dizer, mas a questão é saber se “a unidade de um discurso é feita pelo espaço onde diversos objetos se perfilam e continuamente se transformam, e não pela permanência e singularidade de um objeto” (FOUCAULT, 2008a, p. 37).

Por fim, mas não menos importante, gostaríamos de abrir nossa discussão para uma vertente do discurso no campo das visualidades. Uma quarta série que se abre para a visualidade, a materialização na imagem, que retoma as narrativas enunciadas e sintetiza os discursos que emergiram ao longo de todo percurso do *Diário Foucaultiano*, engendrado numa repetição que não serve “apenas para nos lembrar sua identidade, mas para reatualizar acontecimentos por meio de técnicas de memória” (MILANEZ, 2019, p. 108). Nesse sentido, a repetição no Diário, tem como objetivo “reinscrever o nome e reafirmar seus laços com o meio social” (MILANEZ, 2019, p. 108), isto é, reafirmar discursos preferidos no campo do dizer com intuito de fazer um novo enunciado.

Imagem 1 - A figura presidencial e o COVID-19



Fonte: Diário Foucaultiano de Quarentena do Labedisco.

Entendemos com Courtine (2013, p. 43) que “toda imagem se inscreve em uma cultura visual, e esta cultura supõe a existência junto ao indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens onde toda imagem tem um eco”. Quais são os ecos da memória visual, aqui? A figura presidencial cercada de corpos, um amontoado de descaso refletido em defuntos. O vírus coadjuvante ao lado da representação imagética da própria morte, representada como um esqueleto vazio, que posteriormente irá escoar para o corpo do próprio presidente, sendo ele não mais um aliado da morte, mas representado na morte em si. O signo do corpo esqueletado do presidente verte para um amontoado de outros corpos, também esqueletados, dispostos numa cartografia do território nacional, figurando as mortes dos cidadãos brasileiros. Imagens-síntese da memória visual histórica do ceifador, aquele traz a morte, o necropolítico presidencial.

Um discurso conservador emergindo na frase “Deus acima de tudo, Coronavírus em cima de todos” retoma o lema da campanha presidencial de Jair Bolsonaro “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Quando analisamos o lema do presidente pensando nas suas

ações durante a pandemia, podemos concluir que o Brasil acima de tudo, se reflete não em melhorias econômicas, sociais, de vida, mas um país que está, de fato, acima de outros, mas em número de mortes. Ademais, o deus que está acima de tudo, inclusive acima da racionalidade e responsabilidade, é o da ignorância e da cegueira, alicerçadas numa política de rebanho que fecha olhos e ouvidos quando se trata de tolerância e respeito. Estamos diante da figuração da imagem de um dizer alucinado, fora do controle do corpo enquanto organismo social.

Tudo isso nos leva ao princípio da intericonicidade que busca em outro lugar o que “já está ali presente e não em outro lugar [...], mas que precisa de um mecanismo material para ser decifrado, seja pelas similitudes das imagens, pela repetição de sua historicidade ou pela recuperação do arquivo memorial coletivo” (MILANEZ, 2015b, p. 200). O corpo presidencial, isolado a frente num púlpito, frente a uma cova, sendo atravessado por uma chuva de corpos retomam as narrativas discursivas pronunciadas no *Diário*, que enunciam uma responsabilização pelo alto número de contaminações por Covid no território brasileiro. Os signos em verde amarelo, retomando ao mesmo tempo o ufanismo nacional das ditaduras, vincula-se ao lema da campanha presidencial de Jair Bolsonaro, em que o nacionalismo é carro chefe, vinculado a um conservadorismo, que, infelizmente, retoma as memórias e a historicidade dos assassinatos durante o regime militar. Assim, imagem e escritos convergem para uma unidade discursiva da qual participam os temas sobre o desgovernamento de si que conduziu a uma desordem nacional na saúde pública.

Esgotamento do dizer e mutação de suporte: um novo limiar

“A experiência é algo que se dá solitariamente, mas que é plena somente na medida em que escapa à pura subjetividade, isto é, que outras podem cruzá-la ou atravessá-la” (REVEL, 2005, p. 49). É inevitável não partilharmos de um mesmo sentimento e um mesmo pensamento após vivenciar uma pandemia, sobretudo, quando mesmo distanciados, pôde-se compartilhar isso com outros sujeitos; uma experiência na qual nos transformamos à medida que a ameaça do COVID-19 se alastrava, mas que pudemos compartilhar em virtualidade uma experiência de enfrentamento, muitas vezes de revolta, às vezes de acalento.

O *Diário Foucaultiano de Quarentena do Labedisco* falou por muitas vozes, de muitos lugares sociais e geográficos, teve sua emergência ao longo de seis longos meses desses quase doze de pandemia. Dessas vozes saíram inúmeras reflexões acerca do nosso

estatuto enquanto sujeitos, seres humanos, corpos vulneráveis e governáveis. Embora, em primer, o *Diário* tenha nutrido por meses uma esperança de reação social, a exaustão dos dias isolados acabou levando a um esgotamento do dizer, a uma rarefação. Os temas se repetiam, saturavam o dizer sobre a pandemia nas narrativas. Houve uma histericização dos dizeres necessária para a elaboração e compreensão do que estávamos vivendo. Histericizar o dizer alivia o fardo do corpo assustado com um presente que era decifrado dia a dia. A saturação e esgotamento do dizer, nesse sentido, responde a um exercício de poder do sujeito sobre si que se permite parresiar sua condição no mundo. Com isso, a experiência do *Diário Foucaultiano* no *Facebook* e no *Instagram* foi rareando e acabou por migrar migrando para outra materialidade, quando, então, se desdobrou no *Podcast do Diário Foucaultiano do Labedisco*, no *Spotify*, dando literalmente voz às narrativas e imagens que preencheram aqueles nossos dias de incerteza e estranhamento.

As novas formas de saber estavam se atualizando: aulas e reuniões remotas, eventos em plataformas digitais, contatos pessoas apenas por videoconferência, e um *Podcast* que tentava acompanhar as novas formas de produção de saber e as novas formas de viver. O *Podcast do Diário* se deu em meio a essa nova profusão de atualização dos modos de vida dos sujeitos, talvez por uma estafa de tanta virtualidade e uma saudade do real, do próximo e do palpável, tendo a voz, portanto, em suas materialidades, intensidade e sotaques, funcionando como uma metonímia para a presença do calor do corpo ausente. Outras subjetividades estavam se constituindo para nossos corpos, nossas vidas, e como em todo processo de (des)subjetivação o sujeito se afasta de si numa ruptura abrupta consigo para retornar, depois, entrelaçado em novas subjetividades, envolvidos em formas diferentes de relações de saber-poder.

Por uma economia do dizer não pudemos traçar e delinear em sua totalidade os limiares para cada escrito no *Diário Foucaultiano de Quarentena*, mas nessas regularidades salientamos o que cada momento, cada acontecimento ou microacontecimento evidenciou de mais urgente. O que vem à superfície primeira de sua emergência permite que possamos definir aquilo de que se fala e dar-lhe *status* de objeto do discurso, a fim de “fazê-lo aparecer, de torná-lo nomeável e descritível” (FOUCAULT, 2008a, p. 47). Desse modo, os discursos que emergiram em regularidades no *Diário*, puderam tomar essa dimensão de objeto devido a seu local de inscrição, embora independam disso, pois afinal “o discurso é algo inteiramente diferente do lugar em que vêm se depositar e se superpor, como em uma simples superfície de inscrição” (FOUCAULT, 2008a, p. 48).

Enfim, saímos – ou não – da pandemia como outros sujeitos; atentos à disciplina e controle de uma higiene social, às novas formas de governamentalidade, atentos às políticas de vida e de morte que nos cercam, mas ainda com muitas lacunas para preencher, sempre desafiados por Foucault na questão “O que somos e que devemos ser enquanto fazendo parte dessa atualidade?” (FOUCAULT, 2015, p. 70-71). Essa problemática é a que nos moveu e nos trouxe até aqui a necessidade de sairmos transformados por meio de uma experiência do corpo e do dizer.

Referências

ALMEIDA, Beatriz; MILANEZ, Nilton. O corpo de Divas Pop brasileiras: discursos e saberes em reacts no youtube. In: BRAGA, J.; FERNANDES, R. S. B.; TASSO, I. (orgs.). **Michel Foucault e os discursos do corpo**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 289-311.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Tradução Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução Claudia Sant’Anna Martins. Revisão da tradução Renato Ribeiro. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DIÁRIO FOUCAULTIANO DE QUARENTENA. **Página do Facebook**. Feira de Santana, 2020. Facebook: LabediscoUefsCnpq. Disponível em <<https://www.facebook.com/Di%C3%A1rio-Foucaultiano-de-Quarentena-112761947034661/>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do Poder**. Tradução Roberto Machado. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 15-37.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 20. ed. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 15. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. Aula de 24 de março de 1982: segunda hora. In: **A Hermenêutica do Sujeito**. Tradução Márcio Alves da Fonseca; Salma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 551-578.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

FOUCAULT, Michel. Aula de 11 de janeiro de 1978. In: **Segurança, Território, População**: curso dado no Collège de France (1977-1978). Edição estabelecida por Michel Senellart sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b, p. 3-38.

FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: **Ditos e Escritos VI** – Repensar a política. Tradução Ana Lúcia Paranhos Pessoa. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a, p. 289-347.

FOUCAULT, Michel. **O Governo de Si e dos Outros**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**: O Governo de Si e dos Outros II: curso no Collège de France (1983-1984). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **O Corpo Utópico, as Heterotopias**. Posfácio de Daniel Defert. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: *n-1* Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. Que é o senhor, professor Foucault? In: **Ditos e Escritos X** – Filosofia, diagnóstico do presente e verdade. Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 29-49.

FOUCAULT, Michel. **O que é a Crítica?**, seguido de A Cultura de Si. Tradução Pedro Elól Duarte. Lisboa: Texto e Grafia, 2015.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Tradução Renata Santini. 3. ed. São Paulo: *n-1* Edições, 2018.

MILANEZ, Nilton. Foucault e o cinema: para uma breve arqueologia das imagens em movimento. In: PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. (orgs.). **Presenças de Foucault na Análise do Discurso**. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p. 125-143.

MILANEZ, Nilton. Materialidades da ansiedade: corpo e retorno a si em filmes de fadas. In: FLORES, G. G. B.; NECKEL, N. R. M.; GALLO, S. M. L. (orgs.). **Análise de Discurso em Rede**: cultura e mídia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015a, p. 233-257.

MILANEZ, Nilton. Intericonicidade: da repetição de imagens à repetição dos discursos de imagens. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 37, n. 2, p. 197-206, abr./jun. 2015b. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/26295>>. Acesso em: 7 jan. 2021. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v37i2.26295>

MILANEZ, Nilton. **Audiovisualidades**: elaborar com Foucault. Londrina: Eduel; Guarapuava: Ed. Unicentro, 2019.

MILANEZ, Nilton. **O corpo liberto**. Vídeo Didático-Pedagógico. Texto e Roteiro: Nilton Milanez. Narração: Revson Costa. Edição: Cenacurta Audiovisual. Feira de Santana, Labedisco, 2020.

REVEL, Judith. **Foucault**: conceitos essenciais. Tradução Maria do Rosário Gregolin; Nilton Milanez; Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

ZIZEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do viral!** Coronavírus e a reinvenção do Comunismo. Blog da Boitempo, 2020. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/12/zizek-bem-vindo-ao-deserto-do-viral-coronavirus-e-a-reinvencao-do-comunismo/>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

Recebido em: 11 de fevereiro de 2021

Aceito em: 27 de abril de 2021